

**CARNAVAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA, PARA ALÉM DE UM EVENTO:
VALORES CULTURAIS NA IDENTIDADE DA COMUNIDADE LUIZENSE¹****CARNIVAL OF SÃO LUIZ DO PARAITINGA, BEYOND AN EVENT: CULTURAL
VALUES IN THE IDENTITY OF THE LUIZENSE COMMUNITY****CARNAVAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA, MÁS ALLÁ DE UN EVENTO:
VALORES CULTURALES EN LA IDENTIDAD DE LA COMUNIDAD LUIZENSE**

Sheila Ciola²
Rachel Duarte Abdala³

Resumo: São Luiz do Paraitinga é uma pequena cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Apresenta em sua arquitetura características dos casarões coloniais tombados pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), protegido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), considerado, portanto, parte do patrimônio cultural brasileiro. É um município bastante festivo ao longo do ano, no qual o Carnaval tem um grande destaque, envolvendo parte da comunidade e atraindo pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. Esse artigo destaca os símbolos culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, desde os anos de 1980 até atual, 2024. Objetiva-se compreender a importância das marchinhas, dos blocos de rua com bonecos gigantes na identidade cultural da comunidade luizense, relacionando às influências com o contexto das transformações decorrentes dos fluxos da globalização no processo de ressignificação cultural. Para a análise foi realizada revisão de literatura com abordagem relacionada à cultura popular e identidade cultural. A pesquisa apresenta a contribuição de autores que destacam o estudo dos indivíduos e dos lugares, considerando as relações sociais na formação cultural. A análise visou observar a relevância dos valores culturais utilizados no Carnaval para a configuração de uma identidade cultural do luizense, abordando as expectativas e desafios para que essa importante festa e manifestação cultural continue valorizando as tradições, a identidade cultural do luizense e o desenvolvimento humano local.

Palavras-Chave: Desenvolvimento humano; Carnaval; São Luiz do Paraitinga; Culturas Populares.

Abstract: São Luiz do Paraitinga is a small city located in the interior of the state of São Paulo, presents in its architecture characteristics of colonial mansions listed by CONDEPHAAT (Council for the Defense of Historical, Archaeological, Artistic and Tourist Heritage of the State of São Paulo), protected by IPHAN (Institute of National Historical and Artistic Heritage), of which it is part of the Brazilian cultural heritage. It

¹ **Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté. Número do Parecer: 6.766.455.**

² Universidade de Taubaté. E-mail: sheilaca.ccsc@gmail.com

³ Universidade de Taubaté. E-mail: rachel.abdala@gmail.com

is a very festive municipality throughout the year, of which Carnival has a great prominence, involving the community and attracting people from different parts of Brazil and the world. This article highlights the cultural symbols of the Carnival of São Luiz do Paraitinga, from the 1980s to the present, 2024. The objective is to understand the importance of the marchinhas, the street blocks with giant puppets in the cultural identity of the Luizense community, relating the influences with the context of the transformations resulting from the flows of globalization in the process of cultural resignification. For the analysis, a literature review was carried out with approaches related to popular culture and cultural identity. The research presents the contribution of authors who highlight the study of individuals, places, considering social relations in cultural formation. The analysis made it possible to observe the relevance of the cultural values of Carnival in the cultural identity of the Luizense, addressing the expectations and challenges for this important festival and cultural manifestation to continue valuing the traditions, the cultural identity of the Luizense and the local human development.

Keywords: Human development; Carnival; São Luiz do Paraitinga; Popular Cultures.

Resumen: São Luiz do Paraitinga es una pequeña ciudad situada en el interior del estado de São Paulo. Presenta en su arquitectura características de mansiones coloniales catalogadas por CONDEPHAAT (Consejo para la Defensa del Patrimonio Histórico, Arqueológico, Artístico y Turístico del Estado de São Paulo), protegidas por el IPHAN (Instituto Nacional de Patrimonio Histórico y Artístico), consideradas, por tanto, parte del patrimonio cultural brasileño. Es un municipio muy festivo durante todo el año, en el que el Carnaval tiene gran protagonismo, involucrando a parte de la comunidad y atrayendo a personas de diferentes partes de Brasil y del mundo. Este artículo destaca los símbolos culturales del Carnaval de São Luiz do Paraitinga, desde los años 80 hasta la actualidad, 2024. El objetivo es comprender la importancia de las marchinhas, las manzanas con marionetas gigantes en la identidad cultural de la comunidad luizense, relacionando las influencias con el contexto de las transformaciones resultantes de los flujos de la globalización en el proceso de resignificación cultural. Para el análisis, se realizó una revisión bibliográfica con enfoques relacionados con la cultura popular y la identidad cultural. La investigación presenta la contribución de autores que destacan el estudio de individuos y lugares, considerando las relaciones sociales en la formación cultural. El análisis pretendía observar la relevancia de los valores culturales utilizados en el Carnaval para la configuración de una identidad cultural de los luizenses, abordando las expectativas y desafíos de este importante festival y manifestación cultural para seguir valorando las tradiciones, la identidad cultural de los luizenses y el desarrollo humano local.

Palabras clave: Desarrollo humano; Carnaval; São Luiz do Paraitinga; Culturas populares.

1 INTRODUÇÃO

São Luiz do Paraitinga, localizado no Vale do Paraíba Paulista, apresenta um patrimônio histórico e cultural singular, caracterizado por um conjunto arquitetônico que remonta à época dos barões do café. Reconhecido nacionalmente, esse patrimônio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além de sua importância histórica, a cidade se destaca pela preservação da cultura tradicional caipira, manifestada em diversas expressões culturais, tais como a canção popular, as artes visuais, a oralidade, os ritos e o folclore.

A história de São Luiz do Paraitinga remonta ao século XVII, como uma região estratégica que servia como rota para os exploradores da capitania paulista. De acordo com Santos (2015), no século XVII, já se tem notícias de uma parada de tropeiros como uma localidade de apoio para as tropas e como escoamento da produção do ouro com destino aos portos do litoral. Mas é em 1769 que a povoação recebe o nome de Santo Antônio do Paraitinga, nome com que é elevada à condição de vila em 1773. Em 1857, já como cidade, São Luiz do Paraitinga não se consolida como um grande centro da produção cafeeira, mas exerceu um importante papel de entreposto, funcionando como um elo entre o Vale do Paraíba e mais especificamente ao porto de Ubatuba.

De acordo com Santos (2015), mesmo o período áureo dos cafezais não corresponde à ideia de riqueza e opulência recorrente no senso comum, uma vez que a atividade cafeeira consumiu investimentos da elite agrária em expansão, mas sem gerar lucro efetivo, marcando o início de uma prolongada estagnação econômica. Segundo o pesquisador, a derrocada do café a partir de 1875 e a consequente perda de importância do porto de Ubatuba estagnaram o desenvolvimento de São Luiz do Paraitinga. Voltado para a cultura de subsistência e para a pecuária, o Alto Vale permanece isolado até o ano de 1969, quando a rodovia Oswaldo Cruz é pavimentada.

Allucci e Schicchi (2019) apontam que as condições geográficas de São Luiz do Paraitinga, entre serras e condicionada por eventuais enchentes, deixaram a cidade à margem do crescimento econômico, urbano e social que movimentava outros municípios do Vale do Paraíba.

Ainda nos dias de hoje, São Luiz do Paraitinga se mantém à parte da vida acelerada do Vale do Paraíba industrializado, prevalecendo na cidade um cotidiano imerso no imaginário popular, em crenças e valores que remetem às raízes do povo brasileiro. De acordo com o censo do IBGE 2010, há ausência de indústrias e de uma rede hoteleira de grande porte. São Luiz é uma cidade de trabalhadores rurais, comerciantes, profissionais liberais, professores, aposentados e artistas.

O destaque dessa pequena cidade está no casario colonial e o extenso calendário de festas, embora o turismo só tenha se consolidado como atividade econômica relevante no começo do século XXI, em grande parte como consequência da difusão do Carnaval de marchinhas.

As marchinhas do Carnaval luizense, fenômeno musical emergente na década de 1980, resultam da fusão do ritmo carioca das décadas de 1930 e 40 com os tambores das Congadas e Moçambique da zona rural do Vale do Paraíba. Essa manifestação musical se insere no contexto da tradição cultural de São Luiz do Paraitinga, que tem apresentado um progressivo desaparecimento, sendo cada vez mais raros os grupos de samba rural paulista, como o Moçambique, a Congada e o Jongu. No entanto, a Cavalhada ainda se mantém como uma manifestação forte, principalmente durante a Festa do Divino.

A influência das manifestações tradicionais no Carnaval é evidente, com a presença de símbolos como a máscara confeccionada artesanalmente pelos artistas luizenses, as roupas coloridas de chitão, utilizadas pelo palhaço da Cavalhada, que influenciam no colorido das fantasias e na decoração do Carnaval. Além disso, o ritmo do Moçambique e Congada também se mostra presente em canções e marchinhas de Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

A cultura luizense apresenta uma dinâmica complexa em relação à sua identidade, marcada por uma tensão entre a valorização da Festa do Divino e do Carnaval. Esses eventos, embora apresentem aspectos complementares, também revelam contradições inerentes à multifacetada identidade caipira, que é percebida e interpretada de maneira diferenciada pelos diversos segmentos da comunidade, seja em termos religiosos ou profanos.

As particularidades culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, com seus símbolos, ritmos e expressões, são fundamentais para a compreensão da identidade caipira do luizense, destacando a importância da preservação e valorização dessas manifestações culturais.

Segundo Silva e Vieira (2012), apesar de essencialmente inovadora, sincrética e cosmopolita, a marchinha luizense surgiu de uma confluência de fatores, como manifestação da cultura local. Essa identificação cultural foi moldada pela influência das primeiras bandas marciais que surgiram no município. Essas bandas incluíram as marchinhas em seus repertórios durante as festividades de São Luiz do Paraitinga, cultivando uma identidade cultural que se consolidou no Carnaval de marchinhas. A inserção dos ritmos e da poesia da terra se dá de forma moderna, ressignificando os símbolos da identidade caipira no Carnaval de São Luiz do Paraitinga. Nesse sentido, observa-se em São Luiz do Paraitinga, no luizense aquilo que Hall (2011) se refere, que a identidade cultural dos sujeitos não é fixa, permanente, mas se transformam influenciada pelo mundo moderno, globalizado, integrando uma identidade plural a um sujeito pós-moderno. Considerando esse contexto destacado por Hall (2011), observa-se a influência da cultural global e local presente no Carnaval de São Luiz. O ritmo das marchinhas tem suas raízes no Carnaval carioca, o global “carioca”, influenciando no local “luizense”, com a identificação da história do luizense.

O Carnaval de São Luiz do Paraitinga se configura como um espaço de negociação cultural, onde a identidade local se entrelaça com influências externas, seja da cultura popular de outros estados ou da cultura de massa. Esse processo de troca cultural é exemplificado pela incorporação do Maracatu, manifestação de origem pernambucana, que foi adaptada e estilizada por grupos de universitários paulistas engajados ao Carnaval luizense. Essa dinâmica ilustra a capacidade da cultura local de ressignificar elementos externos, criando uma identidade cultural híbrida e dinâmica.

Pioneiro e revolucionário, o bloco Encuca a Cuca se destaca pela ousadia com que ressignifica o imaginário popular de São Luiz do Paraitinga, resgatando lendas e causos de assombrações, que se materializam nos bonecos gigantes e nas marchinhas. O conceito dos cortejos que percorrem as ruas da cidade durante o Carnaval alinha-se com a perspectiva de Hobsbawn (2022) sobre a invenção das tradições, que as concebe como processos dinâmicos de reinterpretação do passado. Ao revitalizar elementos da cultura popular, o Encuca a Cuca reafirma a força da tradição oral e sua capacidade de se adaptar a novos contextos históricos. Evocando e ressignificando o passado, as tradições inventadas forjam uma ligação

“artificial” com a história, buscando estabilidade diante de uma modernidade dinâmica.

O ponto de partida do Carnaval de São Luiz do Paraitinga remonta a 1982, mas suas raízes se encontram em um discurso proferido décadas antes. Segundo Silva e Vieira (2012), um padre local, ao proibir seus fiéis de participar do Carnaval, ameaçou que os desobedientes nasceriam com "rabo e chifre". Essa proibição parece ter sido eficaz, pois o mês de fevereiro passou sem celebrações carnavalescas em São Luiz do Paraitinga até 1980.

Foi então que o compositor Luiz Homero Ivo dos Santos criou a marchinha "Rabo e Chifre", marco zero do Carnaval luizense. Além de desafiar a proibição, essa marchinha abriu caminho para outras lendas do imaginário popular, como a Cuca, a Cobra Grande, o Corpo Seco e a Porca dos Sete Leitões, que posteriormente receberam suas próprias homenagens em forma de marchinhas. Cada bloco tem um nome que envolve o imaginário do povo, relacionado a personagens de destaque da história da cidade, lendas, assombrações, fauna local, folclore e modo de vida rural.

No bloco do Caetê, a cultura e os modos de produção do caipira se materializam na preparação da pamonha. Observa-se que acontece a mesma situação na canção "Dona Maria", marchinha em que se faz belas menções à canjiquinha, ao afogado e à pinga luizense.

Silva e Vieira (2012) apontam que dos anos 1990 em diante, os cordões se multiplicam com diferentes temas: Juca Teles homenageia a cultura popular e o folclore; Balacobaco reforça o elo entre as festas pagãs da Grécia Antiga e o Carnaval de rua; Cruz Credo, Bico do Corvo e Pé na Cova abordam a temática da morte com bom humor e leveza. Possivelmente o mais popular dos blocos atuais, o Barbosa canta os perigos das curvas da Rodovia Oswaldo Cruz, desde 1967 o elo entre São Luiz do Paraitinga e o mundo moderno.

Para Guimarães e Barja (2016), dos gêneros da nossa música popular, a marchinha é o mais flexível, adaptável e afeito à reterritorialização, ou seja, é um produto cultural que se expande para além do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, sua sonoridade e temática incorporando especificidades de novos contextos espaciais e temporais.

As temáticas ligadas ao imaginário popular, à oralidade e aos modos de produção do caipira encontraram na marchinha um veículo de propagação tão poderoso quanto as canções de Elpídio dos Santos, compositor luizense, que, durante as décadas de 1960 e 1970, abrilhantaram a obra cinematográfica de Amácio Mazzaropi. Seu legado se mantém hoje, com o grupo musical Paranga, em que a maior parte dos integrantes é constituído por filhos e netos de Elpídio dos Santos, propagando sua obra nacionalmente e criando composições no ritmo das marchinhas, samba rural e música popular.

De acordo com Silva e Vieira (2012), o início do Carnaval de rua de São Luiz do Paraitinga, era influenciado pelo samba carioca, com desfiles de escolas de samba pelas ruas da cidade. Esse modelo de Carnaval não durou dois anos, mas revela como havia uma insatisfação de parte da comunidade com a proibição da Igreja ao Carnaval, uma festa nacional.

O Carnaval de São Luiz do Paraitinga, uma manifestação cultural tradicional, tem experimentado uma expressiva ampliação do contingente de turistas nas últimas décadas. Essa expansão turística tem ressignificado o Carnaval como produto, levando à apresentação de blocos locais em outras cidades da região e

fomentando uma vasta rede comercial envolvendo pousadas e casas de aluguel de temporada.

Diante desse cenário, é imprescindível investigar os valores culturais do tradicional Carnaval de São Luiz do Paraitinga e a expansão do turismo, bem como analisar as mudanças que ocorreram à popularidade alcançada por essa manifestação cultural e apresentar a influência da modernidade ressignificando a cultura popular.

Essa análise busca lançar luz sobre a construção de uma identidade contemporânea para São Luiz do Paraitinga, considerando os valores materiais e imateriais de sua cultura, considerando as implicações da comercialização da cultura e a necessidade de preservar a particularidade dessa manifestação cultural.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Este artigo foi construído a partir de uma base teórica fundamentada nas obras de importantes autores, tais como Alfredo Bosi, Michel de Certeau, Milton Santos e Néstor Canclini. Esses pesquisadores são conhecidos por suas contribuições significativas na análise da relação entre os indivíduos e seu espaço de vivência, considerando as subjetividades e os câmbios culturais que influenciam a formação da identidade cultural.

A partir dessas contribuições teóricas, este artigo busca analisar o Carnaval de São Luiz do Paraitinga como uma manifestação cultural que reflete a identidade cultural da comunidade local. Ao considerar as subjetividades e os câmbios culturais que ocorrem nesse contexto, este artigo visa contribuir para uma compreensão mais profunda da dinâmica cultural que caracteriza o Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Foram realizadas também pesquisas por meio de buscas por plataformas idôneas, sendo elas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Portal de Periódicos CAPES, plataforma Scielo. A baliza cronológica da busca foi de trabalhos realizados nos últimos dez anos em relação ao Carnaval e a relação com a Cultura Popular. Os descritores pesquisados foram: Cultura popular and São Luiz do Paraitinga, Cultura and Massa, Cultura and Popular, Carnaval and São Luiz.

A pesquisa sobre a cultura popular em São Luiz do Paraitinga revelou uma lacuna significativa na literatura acadêmica. Uma busca sistemática nas plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e Scielo evidenciou um número reduzido de estudos que abordam a relação entre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga e a cultura popular.

Essa constatação sugere que há uma oportunidade para pesquisas mais aprofundadas sobre esse tema, contribuindo para uma compreensão mais ampla da dinâmica cultural que caracteriza Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Durante a busca sistemática realizada na Plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Portal Periódicos CAPES, foi identificada uma tese de doutorado vinculada à Universidade de São Paulo, intitulada "A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga", desenvolvida pelo pesquisador Santos (2015). Essa pesquisa aborda a reconstrução da cidade após a grande enchente de 2010, destacando a cultura popular como um dos principais fatores motivadores na reconstrução do patrimônio material do município.

Nesse contexto, a tese destaca a importância das festividades, como a Festa do Divino, que se caracteriza por uma diversidade de símbolos e práticas culturais.

Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda da relação entre a cultura popular e a reconstrução da cidade, destacando a importância dos atores locais na preservação e promoção da identidade cultural.

Santos (2015) destaca a centralidade da Festa do Divino como um marcador identitário fundamental da sociedade local, ressaltando a estreita relação entre a cultura imaterial e o conceito de Lugar, desenvolvido por Néstor Canclini. Essa perspectiva teórica influenciou significativamente as decisões tomadas pelos órgãos de proteção do patrimônio cultural durante a reconstrução da Matriz e da Capela das Mercês, que adotaram um partido de "falso histórico". A importância das marcas na paisagem urbana como contexto para a cultura é evidenciada pela resistência da comunidade em aceitar a "modernização" do edifício da antiga escola primária, atual biblioteca, que permanece até hoje como um exemplo de tensão entre a preservação da memória coletiva e a necessidade de adaptação ao contexto contemporâneo.

Na plataforma Scielo, foi identificado um artigo de autoria de Allucci e Schichi (2019), intitulado "São Luiz do Paraitinga: o imaginário fundacional e suas projeções". Essa pesquisa analisa as características físicas, históricas e culturais presentes no imaginário sobre a cidade, destacando a importância da tradição e da memória na reconstrução do patrimônio material de São Luiz do Paraitinga após a enchente de 2010.

Além disso, Allucci e Schichi (2019), exploram a relação entre a cultura popular e o folclore, cultura caipira, patrimônio material e imaterial, enfatizando a preservação da identidade no contexto escolar. Essa abordagem interdisciplinar contribui significativamente para a compreensão da complexidade da identidade cultural de São Luiz do Paraitinga, destacando a importância da preservação da memória coletiva e da identidade cultural no contexto da reconstrução pós-desastre.

2.2 OS VALORES DAS CULTURAS POPULARES NO CARNAVAL LUIZENSE

Esse artigo propõe uma reflexão sobre como a cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga dialoga com a modernidade, as tensões e ressignificações culturais perfazendo a apropriação do espaço, a elaboração de canções e fantasias dos blocos de Carnaval e seu vínculo com a identidade cultural do luizense. Para tal, serão apresentadas algumas definições de Cultura pertinentes a esta análise.

Em seu estudo sobre as "culturas brasileiras", Bosi (1992) parte da ideia de que não há uma cultura brasileira singular, mas uma pluralidade resultante das dinâmicas entre as culturas erudita, popular, de massa e criadora. Essa multiplicidade se reflete nas práticas dos diferentes grupos sociais, seus modos de vida e produtos culturais específicos.

Quando abordamos o tema da cultura, sobressai a ideia de costumes, tradições, valores de uma sociedade. Verifica-se, porém, que o conceito se expande em diferentes abordagens, cada uma ajustada às especificidades de sua área de conhecimento — Antropologia, Sociologia, Economia, Políticas Públicas etc. Botossi (2020) argumenta que o termo cultura é multifacetado e que, embora essas perspectivas contribuam para a complexidade da análise, tornam impossível a fixação de um conceito único.

A ideia de pluralidade cultural apresentada por Bosi (1992) permite o entendimento das formações institucionais do Estado, a cultura escolar e a cultura de massa desempenhando papéis centrais na produção e circulação de bens simbólicos. Estes não se limitam ao aspecto econômico, afetando a sociedade

também no que toca ao pensamento e ao comportamento. Longe de ser apenas um reflexo das condições materiais da sociedade, as manifestações da cultura nas práticas institucionais e sociais apresentam-se como um elemento ativo na formação do desenvolvimento humano, exercendo sua influência sobre os processos educativos, mas sobretudo atuando na formação da identidade cultural de um povo. A função estruturante da cultura atua na mediação das relações entre o indivíduo e o coletivo.

A concepção clássica antropológica mencionada por Bosi (1992) vincula à cultura o imaginário de um povo, as manifestações coletivas obedecendo a regras e normas sociais, compreendendo a cultura, não apenas como um conjunto de bens materiais, mas como um sistema simbólico compartilhado. Cândido (1997), por sua vez, examina as celebrações religiosas, as canções e os modos de produção do caipira enquanto elementos simbólicos plasmados à identidade coletiva.

Em São Luiz do Paraitinga, podemos observar como os modos tradicionais de produção vinculam-se a um sistema simbólico compartilhado, a cultura moldando a identidade e dando coesão social ao luizense. No Carnaval, por exemplo, o ritmo, as letras das marchinhas, os bonecos gigantes, as danças e os adereços dos foliões remetem ao imaginário popular, aos valores, ao conjunto de crenças e narrativas que constituem a identidade do luizense.

Em *A História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi (1981) apresenta a resignificação da cultura popular brasileira pelo grupo modernista, encabeçado por artistas como Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Villa-Lobos, entre outros. Para Bosi, a Semana de Arte Moderna de 1922 marca uma nova postura na busca pela identidade nacional, que se afasta das tradições europeias, voltando-se para as raízes culturais do Brasil. A atitude dos modernistas libertava a cultura brasileira do paradigma dos estudos de cultura sob a vertente evolucionista, que entendiam a cultura popular e as manifestações folclóricas como residuais das culturas que deram origem a população brasileira, seja ela escrava, cabocla, negra, indígena ou também portuguesa arcaica. Tais culturas, se reproduziram sob a influência da dominação, no foco do contexto histórico de colonização a que o Brasil estava condicionado. Sob certa vertente culta e ocidental, essa situação de dominação vinculava a cultura popular ao atraso material e científico das sociedades pré-industriais. Avançando para a segunda metade do Século XX, Bosi (1992) se volta para as tensões entre cultura popular e cultura de massa, destacando a necessidade de se conceber estudos sob uma nova perspectiva, que abordasse as diferentes formas de cultura sem os preconceitos de outrora:

[...] O problema se complica hoje em dia quando precisamos considerar as imbricações que ocorrem entre a cultura popular e a cultura de massa (ou popularesca, na expressão de Mário Andrade), ou ainda entre a cultura popular e a cultura criadora dos artistas. Urge cavar, em última análise, uma teoria da aculturação que exorcize os fantasmas elitista e populista, ambos agressivamente ideológicos e fonte de arraigados preconceitos [...]. (Bosi, 1992, p.324)

Bosi (1992) destaca que a cultura popular deve ser compreendida como um todo indivisível. De acordo com o autor, os elementos simbólicos e as razões simbólicas são indissociáveis e coexistem de forma integrada. A separação entre o

material e o simbólico não captura a complexidade e a coesão interna da cultura popular, que, fragmentada, compartimentada, perde sua significação.

Em suas canções, danças, figurinos e artes visuais, o Carnaval de rua de São Luiz do Paraitinga apresenta o modo de viver do caipira, suas relações com a terra, com as ruas da cidade, a representação simbólica perfazendo caminhos que remetem ora à apropriação do espaço urbano, ora aos modos tradicionais de produção. Silva e Vieira (2012) destacam esses aspectos na canção tema do Bloco do Caipira:

Boto o pé na bota e vou pra cidade
 No carnaval
 Vou extrapolar porque é feriado
 Decreto nacional
 A rua tá “enfestada” de alegria e de paixão
 Eu largo da minha roça
 Mas o meu broto
 Eu não esqueço não!
 Lá laiá laiá...
 Lá laiá laia ... (Silva & Vieira, 2012, p. 152).

Na canção tema do Bloco do Caipira, o Carnaval impulsiona o eu lírico para uma outra dimensão temporal, o caminho para uma enunciação a uma área de contato da cultura tradicional do caipira com o cotidiano e a apropriação do tempo no espaço urbano.

Além disso, as canções de autores como Pedro Moradei revelam que a população urbana da cidade, apesar dos fluxos da modernidade, mantém uma forte conexão com o imaginário do homem do campo e com os modos de produção tradicionais, demonstrando que a arte popular funciona como uma plataforma de resistência cultural, de reiteração e celebração da identidade local.

A relação entre o Carnaval e a apropriação de símbolos profanos para a afirmação da cultura caipira é complexa e merece ser problematizada. Ao contrário da Festa do Divino, o Carnaval se apropria de figuras do folclore local, como a Cobra Grande, que são reais para boa parte da população e não apenas alegorias. A presença dessas figuras nos desfiles e blocos de rua do Carnaval simboliza a importância das lendas regionais e a continuidade das tradições culturais.

De acordo com Silva e Vieira (2012), a Cobra Grande é uma entidade mítica com vastos poderes e uma forte conexão com o imaginário coletivo da população luizense. Sua representação nos desfiles e blocos de rua do Carnaval é um exemplo de como a cultura popular pode ser utilizada para afirmar a identidade local e manter vivas as tradições culturais. No imaginário popular, a serpente mitológica foi responsável por causar rachaduras em vários prédios da região. Para aplacar a fúria da serpente, o padre da vila na época recomendou que ela fosse consagrada aos poderes divinos. Como resultado, dois templos religiosos foram construídos para abrigar a serpente: a Igreja Matriz, que teria a cabeça da Cobra Grande sob o altar, e a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que abrigaria a cauda da serpente. A lenda alerta que, se os templos fossem destruídos, a Cobra Grande se vingaria, causando destruição em toda a cidade.

É importante notar que a relação entre o Carnaval e o folclore local não é apenas uma questão de afirmação de identidade, mas também de fé e crença. A Cobra Grande, por exemplo, é uma figura que é tanto temida quanto reverenciada pela população local, e sua presença nos desfiles e blocos de rua do Carnaval é um

exemplo de como a cultura popular pode ser utilizada para negociar e redefinir as relações entre a fé, a crença e a identidade local.

Silva (2011, p. 29) define que “[...] é fundamental considerar a cultura como produto da ação humana e como produtora dessa ação, enquanto cultura incorporada e enquanto atribuição de significados [...]”. Essa ideia vai ao encontro do que julgamos observar na cultura de São Luiz do Paraitinga, Santos (2016) destaca no que toca alguns rituais da Festa do Divino, como as crenças e símbolos de caráter popular projetam-se para as práticas sociais e as técnicas, afirmando-se como produtos da ação humana e, também, seus produtos. Em muitos pontos do Brasil, a festa religiosa do Divino é marcada pela presença de símbolos como a bandeira e a distribuição do afogado. Na bandeira do Divino prendem-se fitas, cada nó correspondendo a uma graça, uma intercessão divina. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo (1979) descreve como as fitas estabelecem um elo entre o devoto e a divindade, reforçando a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento à comunidade, como apresenta a figura 1:

Figura 1: Festa do Divino 2022 em São Luiz do Paraitinga



Fonte: Arquivo de Odilon Bonafé. Maio de 2022

Já em *História da Alimentação no Brasil*, Cascudo (1979), aborda a distribuição do afogado, cuja importância excede a alimentação, a partilha reforçando a coesão social, os valores de cooperação e a generosidade. Em São Luiz do Paraitinga, os membros da comunidade cooperam para a preparação do afogado com ingredientes ou trabalho, o prato sendo preparado em grandes tachos e distribuído a todos, especialmente aos mais pobres.

[...] cultura popular, relaciona modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o

modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, festa de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar... [...] (Bosi, 1992, p. 324).

Figura 2: Preparação e Bênção do Afogado na Festa do Divino de 2022



Fonte: Arquivo de Odilon Bonafé. Maio de 202

No Carnaval também se observa, por meio da letra da canção da marchinha "Dona Maria", que os compositores luizenses apresentam um recorte do cotidiano que evoca a vida comunitária, os rituais e os hábitos do povo de São Luiz do Paraitinga:

Dona Maria
Que é que tem pro carnaval?
Tem canjiquinha, afogado
Abobrinha, com quiabo
Ovo frito, bem passado
E uma pinga do seu lado (Grupo Paranga, n.d).

Corroborando a análise de Bosi (1992), a celebração do Carnaval e o preparo dos pratos caipiras, como canjiquinha, afogado e ovo frito, e até mesmo a cachaça, são partes de um todo, havendo uma conexão íntima entre modos de viver, alimentação, vestuário, crenças, cantos e danças.

Na medida em que oferecem uma perspectiva abrangente sobre as interações entre os indivíduos e o ambiente urbano, as ideias de cultura de Bosi (1992) e de Certeau (1998) se complementam. A marchinha "Compasso de espora" remete ao ato de caminhar como uma enunciação, as práticas sociais atribuindo significado ao cenário de ruas, casarios e igrejas:

Cara, olha bem na passarela
 Há tantas delícias na Barão
 Esse negócio de beber junto com ela
 Não vai dar certo
 Tá cheirando a confusão
 Essa menina tá de rabo preso com o Tonhão
 Dizem que o moço agarra o boi a unha no curral
 Se ele flagra te avacalha o Carnaval. (Frade & Ribeiro, 1993).

A composição apresenta a passarela como um espaço de interação complexa, onde se entrelaçam celebrações, desejos, tensões e conflitos. Localizada sobre o rio Paraitinga, a passarela dá acesso à rua Barão do Paraitinga, último trecho percorrido pelos blocos de Carnaval antes de chegarem à Praça Oswaldo Cruz, em frente à Igreja Matriz. Nesse contexto, a Rua Barão do Paraitinga evoca, de forma indireta, um dos símbolos da identidade de São Luiz do Paraitinga, enquanto as construções históricas associadas ao barão são usualmente vinculadas aos tempos tradicionais. No entanto, o Carnaval subverte essa narrativa, apresentando-se como uma contestação aos modos de vida tradicional e aos valores religiosos da comunidade rural, ao evocar práticas como o namorar, o beber e o trair.

Essa descrição do espaço evocado pela canção revela a significação que o luizense atribui a esse trajeto, ressoando com a noção de apropriação do espaço pelas práticas sociais, conforme defendido por Michel de Certeau em "A Invenção do Cotidiano". Essa apropriação pode se vincular tanto a um passado idealizado quanto às tensões culturais do presente, destacando a complexidade das relações entre espaço, identidade e cultura.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma triplíce função "enunciativa": é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas [...] O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (Certeau, 1998, p. 177).

Quando se olha a cidade como um cenário de câmbio de práticas cotidianas e de expressões culturais, é possível compreender os indivíduos como atores no processo de transformação e recombinação da cultura. Nesse contexto Bosi (1992), Canclini (2003) e Certeau (1998) destacam em seus estudos sobre cultura, a importância das manifestações culturais na construção da identidade de uma sociedade. Eles se referem à cultura como um fenômeno dinâmico e multifacetado, sempre sujeito a condicionantes de cunho histórico, social e político.

A marchinha luizense pode também mudar seu foco do cotidiano para temas da política nacional. No bloco da Coruja, o cortejo de foliões carrega placas confeccionadas manualmente, com papelão ou cartolina, exibindo frases que instigam a reflexão sobre temas como corrupção, má administração dos bens públicos, desigualdade econômica e social. A Coruja simboliza o bom governador – mítico, em oposição ao governador real – que não "dorme" para o mundo progredir. Silva e Vieira (2012, p. 133) descrevem-na: "Governanta da noite e rainha de

poderes especiais, possuindo visão noturna e simbolizando a Sabedoria. Ela tem a capacidade de vigiar o mundo macabro, contemplando, espiando e segredando a magia da noite quando esta é mais noite."

Esses atributos vinculam os poderes da Coruja, tanto no mundo natural quanto no imaginário popular, ao político honesto, competente e consciente de seu papel como figura pública.

Figura 3: Bloco da Coruja, São Luiz do Paraitinga-SP, Carnaval de 2023



Fonte: Arquivo da autora. Fevereiro de 2018.

Nos estudos sobre cultura, Montero (2003) destaca que, sob a perspectiva da Antropologia influenciada pela tendência marxista, havia uma preocupação com o impacto da expansão da vida urbana moderna. O êxodo rural poderia levar ao desaparecimento das tradições culturais. Como Montero (2003, p. 147) menciona: “[...] assim, muito antes que se falasse em globalização, o crescimento das cidades levantava o temor de que formas tradicionais de expressão cultural desaparecessem submergidas ao modo de vida urbana [...]”. Apesar das pressões urbanas e da modernização, as tradições culturais de São Luiz do Paraitinga se mantêm vivas, as festas populares e práticas culturais não necessariamente opondo resistência ao novo, mas moldando-se às mudanças urbanas. Montero (2003) destaca que, com o crescimento das cidades e o êxodo rural, havia um temor de que as tradições culturais se perdessem ou fossem eclipsadas pelo modo de vida urbano, o que evidenciaria desenraizamento ou aculturação. Mas a tendência de desaparecimento não se confirma na medida que a cultura popular local consegue se manter ativa e relevante a partir da ressignificação de seus elementos tradicionais.

De acordo com Santos (2015), a cultura popular de São Luiz do Paraitinga, embora mantenha práticas tradicionais, é dinâmica e aberta a novos símbolos, incorporando influências externas, adaptando-se e evoluindo diante das mudanças sociais e da modernidade. Nas festas e no cotidiano das comunidades luizenses, a cultura popular se apresenta moldada, mas não aculturada. O próprio Carnaval nos oferece um exemplo dessa dinâmica: do primeiro decênio do século XXI em diante, a massa de turistas nas ruas da cidade impõe adaptações na logística dos blocos

interferindo na identidade visual e na relação dos músicos com o público, a incorporação do caminhão de trio elétrico sendo a que melhor simboliza o Carnaval dos novos tempos em contraste com os tradicionais cortejos dos blocos “pé no chão”. A adesão ao “trio-elétrico” alinha o Carnaval luizense com o modelo vigente em boa parte das cidades turísticas do Brasil, com destaque a Salvador, na Bahia, mas as marchinhas, os temas das fantasias e as danças não se descolam da tradição.

Figura 4: Caminhão “trio elétrico” no Bloco Juca Teles



Fonte: Arquivo da autora. Fevereiro de 2024.

Santos (2015) destaca a relação da modernidade com a tradição:

[...] Seja pelos desafios do turismo, das tentativas de intervenção ora por instituições religiosas, ora pela administração pública nas festividades locais, não se busca simplesmente o impacto da modernidade sobre o que ali se faz. Há continuidade de produção cultural daquela comunidade que muda, é modificada e transforma a modernidade [...] (Santos, 2015, p. 35)

A cultura popular de São Luiz do Paraitinga mantém-se dinâmica e em constante transformação, o próprio luizense sendo personagem central desse processo, seja atuando pela preservação das tradições, seja adaptando-se ao que vem de fora. Nesse processo, ele supera as tensões com a modernidade ressignificando suas práticas culturais, as concessões ao contemporâneo sendo parte de uma “tática”, conforme Certeau (1998) se refere, para reafirmar sua identidade e fortalecer o vínculo com suas raízes.

2.3 HIBRIDAÇÃO CAIPIRA

Mesclando imaginário popular e cultura tradicional caipira ao vasto universo da canção brasileira, americana e inglesa difundidas pelo rádio a partir dos anos 1930 e televisão desde a década de 1950, a marchinha luizense é expressão de uma cultura tradicional que se recombina diante de um mundo novo. Nesse contexto observa-se a cultura popular sujeita à influência da cultura de massa num cenário de globalização, entender essa relação é fundamental para lançar luz sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, destacando nessa pesquisa a narrativa de luizenses do município.

A própria manutenção da identidade de São Luiz do Paraitinga, os valores materiais e imateriais de sua cultura, os movimentos de resistência e as dinâmicas de hibridação, exigem uma leitura lúcida de como o luizense enxerga a si próprio e da capacidade de reinventar-se.

Para Canclini (2003), as formas de interpretar as dinâmicas as formas de transmissão de valores culturais teriam de reinventar-se, fugindo à ideia de que a cultura popular, erudita e de massa têm de ser examinadas à parte, mantendo-se imunes à influência umas das outras.

[...] Para analisar as idas e vindas da modernidade, os cruzamentos das heranças indígenas e coloniais com a arte contemporânea e as culturas eletrônicas, talvez fosse melhor não fazer um livro. Nem mesmo um filme, nem uma telenovela, nada que se entregue em capítulos e vá de um começo a um fim. Talvez se possa usar este texto como uma cidade, na qual se entra pelo caminho do culto, do popular e do massivo. Dentro, tudo se mistura, cada capítulo remete aos outros, e então já não importa por qual acesso se entrou[...] (Canclini, 2003, p. 20)

É a partir dessa articulação de culturas distintas que Canclini (2003) apresenta o conceito de culturas híbridas, ou seja, um processo de junção de diferentes matizes culturais.

[...] Como entender o encontro do artesanato indígena com catálogos de arte de vanguarda sobre a mesa da televisão? O que buscam os pintores quando citam no mesmo quadro imagens pré-colombianas, coloniais e da indústria cultural; quando as reelaboram usando computadores e laser? Os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difunde maciçamente. O rock e a música "erudita" se renovam, mesmo nas metrópoles, com melodias populares asiáticas e afro-americanas [...]. (Canclini, 2003, p. 18)

As dinâmicas de hibridação cultural a que se refere Canclini (2003) podem ser observadas em São Luiz do Paraitinga nas canções interpretadas pelo grupo Paranga. Desde o final dos anos 1970, o grupo faz uma fusão de elementos da cultura popular de São Luiz do Paraitinga, música marcial e canção brasileira.

O repertório do grupo tinha como referência a magistral obra de Elpídio dos Santos [...]. Compunha o grupo violas e violões, percussão e metais, coro com mulheres vestidas de roupa de chita, numa junção de música caipira, toques de fanfarra e elementos modernos adotados no mundo da música alternativa daquela ocasião. (Diniz, 2019).

O espírito do grupo Paranga, vai bem ao encontro do pensamento de Canclini (2003), na medida que submete os recortes da marchinha carioca e da música pop internacional ao filtro da cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga, que mantém a autonomia e a consciência de sua identidade, revestindo-se de modernidade para falar de imaginário, símbolos e modos de viver essencialmente tradicionais.

A dinâmica de hibridação cultural, conforme descrita por Canclini (2003), é evidente em São Luiz do Paraitinga, especialmente nas canções interpretadas pelo grupo Paranga. Essa fusão de elementos da cultura popular local, música marcial e canção brasileira, demonstra como a cultura tradicional pode se recombinar diante de um mundo novo.

Esse traço não se limita ao Paranga, mas a uma diversidade de outros artistas luizenses, como o grupo Estrambelhados, formado nas primeiras décadas do século XXI. Para Vicentini (2016), os Estrambelhados ganharam significativamente a aceitação do público ao renovar a instrumentação e a sonoridade do gênero. Essa diversidade ampliou a abrangência do público do grupo sem, no entanto, acarretar prejuízo para os traços que vinculam os Estrambelhados à identidade, à história e às raízes culturais locais, caracterizando mais uma vez o que Canclini (2003) chama de hibridação cultural, as composições cruzando fronteiras, propondo diálogos entre os ritmos luizenses e gêneros musicais estrangeiros, como o rock, o pop, o reggae.

Filhos autênticos de São Luiz do Paraitinga, os Estrambelhados completam 20 anos de carreira em 2024. Conhecido por suas marchinhas e roupagens contemporâneas, o grupo se tornou uma das grandes referências no carnaval da cidade, que é considerado um dos dez melhores do Brasil. Para comemorar a data, a banda tem shows marcados em Caçapava, Moreira César, Pindamonhangaba, São Luiz, Socorro e Taubaté. (Salles, 2024).

Também é observável as culturas híbridas no bloco do Barbosa, do qual sua letra faz referência a rodovia Dr. Oswaldo Cruz, importante via de acesso para cidades do Vale do Paraíba Paulista, em que o ritmo da marchinha é moldado também pelo tango.

Pensando agora no contexto da cultura híbrida influenciada pelo processo de migração, Canclini (2003, p.18) compara a adaptação simbólica entre o migrante do campo e o operário da cidade. Destaca que assim como o operário que reformula a sua cultura de trabalho de acordo com as tecnologias, o migrante do campo também ajusta seus saberes tradicionais como estratégia de sobrevivência no meio urbano. Segundo o autor, o artesanato produzido por alguns migrantes é adaptado aos interesses dos consumidores urbanos, operando uma ressignificação de suas práticas culturais, sem, contudo, desconectar-se da tradição ancestral.

Para Canclini (2003), o êxodo rural impõe ao homem do campo adaptações no espaço urbano, o que não significa que haja substituição automática de uma determinada cultura minoritária, rústica ou tradicional por outra hegemônica. De modo semelhante, em São Luiz do Paraitinga, a tradição dialoga com a indústria cultural, com o turismo de massa e a expansão do público das marchinhas. Nesse processo, a cultura tradicional local não se esfacela diante da modernidade, como se fora um resíduo de tempos remotos, mas ressignifica-se, dialogando reiteradamente com novos contextos, preservando seu imaginário, crença e valores, que são reorganizados a fim de que se mantenham relevantes e significativos na contemporaneidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão apresentadas as narrativas de alguns luizenses que foram entrevistados nos períodos de maio a junho de 2024, compartilhando suas perspectivas sobre a importância do Carnaval para a identidade cultural local, bem como as tensões e desafios emergentes da massificação do evento no século XXI. Para garantir a anonimidade dos participantes, seus nomes serão substituídos por pseudônimos relacionados à sua ocupação ou atividade profissional. Essa abordagem permitirá uma análise mais ampla das experiências e das diferentes visões dos luizenses em relação ao Carnaval.

A interseção entre a cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga e a modernidade configura um cenário complexo, repleto de tensões e desafios. Conforme argumenta Canclini (2003), a hibridação cultural pode ser uma estratégia de resistência e renovação, mas também pode acarretar riscos de perda de identidade cultural e homogeneização.

Nesse contexto, o Carnaval de São Luiz do Paraitinga emerge como um cenário típico dessas tensões. Por um lado, o evento é uma expressão da cultura popular local, que valoriza a identidade cultural e a criatividade. Por outro, sua massificação pode gerar consequências como a perda das particularidades tradicionais, a mercantilização da arte e a degradação do patrimônio cultural.

Fora isso, a mobilidade urbana, a economia e o acesso a bens e serviços também são afetados pelo Carnaval massivo. A especulação imobiliária, a exploração turística e a falta de infraestrutura podem comprometer a qualidade de vida dos moradores.

A experiência do Carnaval massivo de algumas edições do evento aumentou a circulação de ideias sobre estratégias de gestão e planejamento que conciliem a preservação da identidade cultural com a modernidade e o turismo sustentável. Tendo isso em vista, o entrevistado Comerciante 1 relata que em 2009, o Carnaval de São Luiz do Paraitinga enfrentou um aumento descontrolado de turistas, muitos dos quais não estavam familiarizados com o contexto cultural do evento. Esse fenômeno resultou em desrespeito às normas de convivência e em depredação do patrimônio material, o que intimidou os residentes. Em resposta, muitos habitantes optaram por deixar o município durante o Carnaval, buscando evitar as dificuldades associadas ao deslocamento, à segurança, ao acesso a serviços de saúde e à aquisição de produtos básicos.

Em contrapartida, alguns entrevistados, mais otimistas, admitem que, a cada ano, a gestão turística municipal tem feito progressos na organização do evento, com ênfase em melhorias na infraestrutura e na segurança, beneficiando tanto os visitantes quanto a população local. Diferentemente das abordagens do início do século XXI, há um consenso sobre a redução quantitativa do turismo e o aprimoramento qualitativo do evento, alinhando o perfil dos visitantes ao modelo cultural do Carnaval da cidade. Para alguns entrevistados, essa estratégia já tem promovido uma maior participação da comunidade local e o retorno de um perfil mais familiar ao evento.

De acordo com Leite (2014), o turismo responsável pode ser uma alternativa para o desenvolvimento do turismo que conserve os atributos ambientais e culturais dos locais, além de melhorar as condições socioeconômicas das comunidades. No entanto, isso requer a adoção de ações direcionadas ao planejamento e gestão do turismo. Leite (2010, p. 21) destaca que o fenômeno turístico em São Luiz do Paraitinga é antigo e está ligado a atrativos naturais, como rios e cachoeiras, à

tranquilidade rural e a festas religiosas. No entanto, o crescimento do Carnaval na cidade, especialmente após a declaração de Estância Turística em 2002, fomentou um aumento significativo no turismo durante o período carnavalesco.

Esse aumento anual da afluência de visitantes superou a capacidade de acolhimento da cidade, gerando uma série de impactos. A aglomeração crescente alterou o modelo original do Carnaval, transformando a dinâmica de participação tanto dos turistas quanto dos moradores locais. Essa mudança é evidenciada nos relatos dos entrevistados, Funcionário Público 1 e do Historiador, que destacam as transformações observadas ao longo dos anos.

Segundo o Funcionário Público 1, a cultura de massa é um problema a ser resolvido, pois ela pode levar à violência, ao consumo de drogas e à falta de respeito pela cultura local. Já o Historiador afirma que o Carnaval cresceu muito, mas a cidade não tem a infraestrutura necessária para atender à demanda de turistas.

No entanto, a estratégia de diminuição do fluxo de turistas ainda passa longe de ser um consenso entre os luizenses. Nota-se isso na fala da entrevistada Funcionária Pública 2, que reforça a importância econômica do Carnaval para os moradores nas últimas décadas:

Eu gosto de Carnaval, além de ter a cultura, a nossa cidade é maravilhosa com essa cultura, eu ganho dinheiro com o Carnaval. Eu faço estacionamento, eu alugo a minha casa, eu recebo gente de todo lugar. Meus irmãos alugam as casas, minha mãe aluga a casa. Que nunca acabe o Carnaval pelo amor de Deus, eu gosto! (Funcionária Pública 2)

Essa perspectiva reforça a ideia de que o Carnaval é um evento que transcende a mera celebração cultural, e que tem um impacto significativo na vida econômica e social da comunidade. Além disso, a narrativa da Funcionária Pública 2 destaca a importância de considerar as perspectivas e experiências das pessoas que vivem e trabalham em São Luiz do Paraitinga, ao analisar o impacto do Carnaval na comunidade.

Numa visão oposta, o Comerciante 1 problematiza a relação entre os luizenses e o turismo durante o Carnaval, argumentando que a busca por ganhos financeiros pode comprometer a particularidade da cultura local. Ele destaca que, embora os mais velhos não se identifiquem com o Carnaval, eles se beneficiam financeiramente do evento, o que pode levar a uma perda da identidade cultural. Como ilustração dessa tensão, ele menciona a prática de alugar casas por preços exorbitantes, sem considerar a capacidade de infraestrutura da cidade, o que pode gerar consequências negativas para a comunidade local.

Expressando uma visão ainda mais pessimista, a entrevistada Artesã 2 destaca o Carnaval como um empreendimento concebido para favorecer unilateralmente o comércio: "Eu acho que o Carnaval é mais para o pessoal do comércio que fatura. Para nós, às vezes há serviços temporários, mas eles pagam pouco. É muito trabalho e pouco dinheiro" (Artesã 2).

Ela também destaca que o Carnaval parece ser mais direcionado aos turistas, como evidenciado em sua afirmação: "Eu acho que o Carnaval não é para nós, é mais para o pessoal que vem de fora mesmo. É o pessoal daqui que toca, que faz as músicas, tem quem goste, mas do jeito que está eu não curto" (Artesã 2).

Esse ponto de vista vai de encontro à ideia de que o evento perdeu sua conexão com os moradores locais, sendo mais voltado para o público externo e menos integrado à cultura e às tradições locais.

A fala da Artesã 2 converge com as observações de Certeau (1998), particularmente quando ele discute as grandes e rápidas transformações dos espaços urbanos, como em Nova York, Manhattan, fomentadas pelo capitalismo. Para o autor de “A Invenção do Cotidiano”, essas mudanças vão além do espaço físico, impactando também a dinâmica social e cultural das cidades. Certeau (1998, p.172) destaca: “Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (“maneiras de fazer”), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada.”

Relatos do Comerciante 1 e da participante Artesã 2 sugerem que a expansão do turismo de massa se interpôs entre o morador de São Luiz do Paraitinga e as narrativas e símbolos atribuídas ao lugar. Diluída na multidão, a população luizense não reconheceria a própria cidade. Santos (1996) apresenta a ideia de que o espaço, enquanto instância da sociedade, é uma instância de alienação, não se guiando pelas necessidades coletivas, mas em função do interesse de grupos específicos. Apropriado de maneira desigual, o espaço alienado converte-se na expressão material das relações de poder e dominação:

Isso que estamos vivendo no presente momento histórico, em virtude desse distanciamento e dessa esquizofrenia no processo criador dos eventos, é o que se poderia chamar de alienação regional ou alienação local [...] os grandes decididores, os governos, as empresas multinacionais, as organizações internacionais, as grandes agências de notícias, os chefes religiosos... A escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende, é limitada. Frequentemente, o ator é apenas o veículo da ação, e não o seu verdadeiro motor. (Santos, 1996, p. 51)

Quando se trata da participação dos luizenses no Carnaval nas últimas décadas, as expressões dos entrevistados tornam-se mais enfáticas, especialmente ao abordar a descaracterização do evento em São Luiz do Paraitinga no contexto do turismo de massa. Embora reconheçam a importância de um Carnaval massivo para a geração de renda, a maioria dos entrevistados manifestam desconforto em relação ao impacto das megaestruturas de entretenimento, que, segundo eles, podem comprometer a participação da população local em sua própria festa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este artigo demonstrou a importância do Carnaval de blocos e marchinhas de São Luiz do Paraitinga como uma expressão cultural que reforça a identidade do luizense. Através da análise dos símbolos representados no Carnaval, seja nas canções, nas figuras dos bonecos e nas fantasias, observou-se que eles estão intimamente vinculados à tradição musical marcial e a elementos de outras festividades, como as festas religiosas de tradição seculares. O Carnaval emerge como uma fonte de inspiração e realização artística, permitindo que a história cultural da comunidade luizense seja contada repetidamente através da música e dos bonecos gigantes que desfilam pelas ruas.

São Luiz do Paraitinga é um exemplo paradigmático da dupla influência da globalização sobre as culturas periféricas. Por um lado, a globalização impõe uma lógica de homogeneização que submete as culturas locais ao padrão das culturas hegemônicas, ameaçando a diversidade cultural. Os meios de comunicação e as

novas tecnologias desempenham um papel fundamental nesse processo, reforçando estereótipos e pressionando a cultura popular para guetos.

No entanto, por outro lado, a globalização também permite que as culturas periféricas sejam redefinidas e reafirmadas por meio das dinâmicas de recombinação, hibridação e ressignificação do imaginário, das crenças e dos valores. Essa capacidade de recombinação e ressignificação é o que torna uma cultura relevante e viva, permitindo que ela se adapte às mudanças do presente com uma possibilidade de continuidade de futuro sem descaracterizar-se.

Nesse sentido, São Luiz do Paraitinga é um exemplo de como as culturas periféricas podem resistir à homogeneização cultural e afirmar sua identidade de forma criativa e inovadora. A cidade é um laboratório vivo de hibridação cultural, onde as tradições locais se encontram com as influências globais, criando uma cultura dinâmica em constante transformação.

As falas dos entrevistados evidenciaram a tensão entre a preservação da identidade cultural local e a influência dos fluxos globais, que podem ameaçar a particularidade da cultura popular luizense. No entanto, observou-se que as marchinhas de Carnaval luizense não perdem seu valor, mas se transformam e se moldam, incorporando outros ritmos e valorizando essa tradição.

Nesse contexto, o Carnaval desempenha um papel significativo para a formação cultural e identitária das novas gerações, favorecendo a construção de modo lúdico e despertando a curiosidade em conhecer a história por trás desses símbolos. Isso contribui para o fortalecimento da identidade cultural local e na manutenção das culturas populares no Carnaval.

Além disso, destaca a importância de valorizar e preservar as culturas populares, como uma forma de resistir à homogeneização cultural e de promover a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS:

- Allucci, R. R., & Schicchi, M. C. D. S. (2019). São Luiz do Paraitinga: O imaginário fundacional e suas projeções. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 27, e15. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e15>
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização* (2. ed). Companhia das Letras.
- Bosi, A. (1981). *História concisa da literatura brasileira* (3. ed). Cultrix.
- Botossi, J. S. (2020). *A dimensão da cultura na construção do desenvolvimento local: análises e perspectiva sobre economia criativa em Taubaté*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Taubaté].
- Cândido, A. (1997). *Os parceiros do Rio Bonito* (8. Ed.). Editora 34.
- Cascudo, L. C. (1979). *História da Alimentação no Brasil*. (4. Ed). Melhoramentos, Mec.
- Canclini, N. G. (2003). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (4. ed. A. R. Lessa, H. P. Cintrão, Trad.). Edusp.

- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (3. Ed). Vozes.
- Diniz, A. (2019, 19 de outubro). Legado de Elpidio dos Santos mantém Vanguarda Paulista caipira em ação. *Carta Capital*.
www.cartacapital.com.br/cultura/legado-de-elpidio-dos-santos-mantem-vanguarda-paulista-caipira-em-acao/. 2019
- Grupo Paranga. (n.d.). *Dona Maria*. [https:// www.letras.mus.br/paranga/dona-maria](https://www.letras.mus.br/paranga/dona-maria).
- Frade, & Ribeiro. (1993). Compasso de Espora. In Grupo Paranga. *Porque hoje é Carnaval*. [Música]. *Spotify*.
<https://www.open.spotify.com/album/4LdzLsDF9uED6ZzVMiHr56?si=ynNagiPORceYnty7UqeMHg>.
- Guimarães, A. C. M., & Barja, P. R. (2016). A reterritorialização da Marchinha: O carnaval "caipira" de São Luís do Paraitinga. *Revista Extraprensa*, 9(2), 128.
<https://doi.org/10.11606/extraprensa2016.116809>
- Hall, S. (2011) *A identidade cultural na pós-modernidade* (11. Ed.). DP&A.
- Hobsbawm, E. (2022) *A invenção das tradições* (15. Ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- Montero, P. (2003). Cultura e comunicação: a tradução cultural e a re-invenção da etnicidade. In L. Dowbor (Org.). *Desafios da comunicação* (cap. 12, pp. 143-154). Vozes.
- Salles, L. (2024, 20 de janeiro). Tradicional em São Luiz do Paraitinga, banda "Estambelhados" completa 20 anos. *OVale*.
www.sampi.net.br/ovale/noticias/2811452/vale-do-paraiba/2024/01/tradicional-em-sao-luiz-do-paraitinga-banda-estrambelhados-completa-20-anos.
- Santos, D. M. (2016). *Os Sentidos da Patrimonialização no processo de reconstrução de São Luiz Do Paraitinga*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Taubaté].
- Santos, J. R. C. C. (2015). *A cultura como protagonista do processo de reconstrução de cidade de São Luiz do Paraitinga/SP*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. doi:10.11606/T.8.2016.tde-11042016-105654.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. (4. Ed.). São Paulo: Edusp.
- Silva, A. L. (2011). *A conveniência da cultura popular: um estudo sobre a pluralidade de domínios, danças devocionais e a ação dos mestres no Vale do Paraíba*. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3312>

Silva, D. L., & Vieira, M. A. F. (2012). *Sem Rabo e Sem Chifre* (1. Ed.). Edição do Autor.

Vicentini, R. (2016, 26 de setembro). Banda Estrambelhados renova a tradicional marchinha de carnaval; ouça. *Blog UOL Música*.
<https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2016/09/26/banda-estramelhados-renova-a-tradicional-marchinha-de-carnaval-ouca/>.